

VERNEI NO BRASIL

ANTONIO ALBERTO BANHA DE ANDRADE *

1. As coordenadas da reforma pedagógica proposta por Luis Antonio Vernei, Arceidiago da 6.^a Cadeira da Sé de Évora, com o pseudônimo de "Barbadinho da Congregação de Itália", no famoso *Verdadeiro Método de Estudar*, Nápoles, 1746 (e não Valença, como se julgava, por em Portugal só restarem exemplares da edição: Antonio Balle, Valença, 1746, que é, afinal, a 2.^a impressão da obra), apenas se podem compreender, corretamente, apreciando ao mesmo tempo os compêndios que imprimiu como apoio à sua tese:

Gramática Latina (...) Traduzida de francês em italiano e de italiano em português (na verdade, original português), Barcelona, 1758; *De orthographia Latina*, Roma, 1747; *Apparatus ad Philosophiam et Theologiam*, Roma, 1751; *De Re Logica*, Roma, 1751; *De Re Metaphysica*, Roma, 1753; *De Re Physica*, Roma, 1765.

Tem-se abusado, no entanto, do recurso ao texto português, com desprezo inadmissível das obras latinas que, como compêndios do plano de estudos, fazem parte integrante do programa iluminista lançado em 1746, para reforma radical das escolas portuguesas, extensivo, naturalmente, ao Brasil. Também aí se verificavam as condições determinantes do método condenado e Luis Antonio Vernei bem as conhecia, pelo menos através do fato de o ensino se ministrar, sobretudo, nas aulas dos Colégios da Companhia de Jesus, dependendo dele, tal como na Europa, a orientação geral dos demais centros de ensino.

As duas Pedagogias que ostensivamente entravam em choque dividiram duas épocas, em que sobressai o método, no que respeita à tendência de simplificação dos textos utilizados nas escolas e à simplicidade e naturalidade, no que concerne à elocução e à escrita, quer na prosa, com especial relevo na oratória, quer na poesia que, encostada a regras

* Da Academia Portuguesa de História, de Lisboa — Do Instituto Histórico e Geográfico, do Rio de Janeiro.

prefixadas, abandonará, como a oratória e a metafísica, os ouropéis galantes mas ociosos e, ainda mais que tudo, inúteis. A utilidade prática ditará a norma de eleição dos métodos ou meios a utilizar pelo Pedagogo, não só nas disciplinas referidas, a nível primário ou secundário, como também superior, no campo do Direito, da Medicina, das Ciências em geral.

Como se sabe, Vernei não é um Pedagogo original que obtivesse lugar de relevo na história da Educação. Ele próprio apenas reivindica os louros de denunciador do isolamento da nossa cultura, a partir de leituras modernas a que procedeu. Contudo, é certo que, não obstante isso e o exagero em que caiu, conforme demonstrei em livro publicado por ocasião do 2.º centenário do *Verdadeiro Método de Estudar*(1), desempenhou em Portugal, papel preponderante na mudança operada nos quadros de ensino, na segunda metade do século XVIII. Mas nem por esse motivo é lícito atribuir-lhe a reforma pombalina ou a destituição da pedagogia dos inicianos, apesar de ser verdade que dele arrancou o golpe fatal. A sua justa posição no processo pedagógico caracteriza-se, sim, como teórico responsável que intensificou o grito de revolta, já proferido anteriormente contra a complicação das regras gramaticais, a oratória empolada e o estilo de belas letras especiosas, de poesia latina, como epigramas; poesias e prosa portuguesas, em que entrava a condenação de Camões e Vieira, por exemplo, Roboredo, Pina e Proença, Bluteau, Garcês Ferreira, Valadares e Sousa; contra a filosofia peripatética e mesmo a mais genuína aristotélica procurada no Renascimento e entre nós, por Pedro da Fonseca e Conimbricenses, por exemplo Teles, Soares Lusitano e Cordeiro (todos eles ainda peripatéticos). Capasci, Baden, Ericeira, Azevedo Fortes, Bluteau, João Baptista, Diogo Vernei, Castro Padrão; contra a Teologia Especulativa e tudo o que não fosse eminentemente prático, nesse setor; contra o Direito Canônico e o Civil, a Medicina galênica, a dúvida e até o desprezo das novas Ciências positivas, assentes basicamente na experimentação e na matemática (Borri, Bocarro, Carvalho da Costa).

Nenhum deles, porém, se atreveu a propor uma reforma global, sistemática, que não só empenhasse o ensino nas escolas, mas alterasse, em parte, a própria estrutura da sociedade(2). Eclesiástico que era, Vernei acatou as instituições da Igreja e do Estado, afastando-se, pois, de certo Iluminismo. Porém, admitindo-as e vivendo nelas, julgou imperioso criticar-lhes determinadas facetas, como o absolutismo, a Inquisição, os cristãos novos, etc., à luz das correntes mais avançadas e opostas, sobretudo porque não, exclusivamente, ao ensino ministrado nas escolas da Companhia de Jesus. Na esteira de pedagogistas franceses do século, posto que repila a insinuação que já os contemporâneos lhe fizeram, em Gramática Latina condenou e ridicularizou a *Arte* de Manuel Alvares;

(1) *Vernei e a Filosofia Portuguesa*, Braga, Livraria Cruz, 1946-1947.

(2) A este respeito, ver sobretudo L. Cabral Moncada — *Estudos de História do Direito*, Vol. III, Coimbra, 1950.

em Filosofia, a Peripatética; em Teologia, a Escolástica; e propôs, em sua substituição, respectivamente Francisco Sanches, o Brocense e outros; Locke, o experimentalismo newtoniano e a Moral secularizada; a Teologia Positiva, de Melchior Cano e outros mais modernos, de preferência de inclinação augustiniana, reduzindo o Direito Canônico a pura matéria teológica e despidindo a Oratória e o estilo literário em geral, de enfeites escusados e conceitos subteis. Como os vícios censurados naquelas disciplinas enfermavam da base aristotélica, escalpelizou-os também nas ciências que lhe não eram familiares. Medicina (pro-Boerhaave), que ele considera prolongamento da Física; Economia, na pegada do Genuense e Direito que, no seu conceito, não passava de continuação da Ética. Insistiu no ensino da língua materna e dos idiomas vivos; na educação literária da mulher, na esteira de Fénelon, Rolin e outros.

O seu Iluminismo é, pois, do tipo do italiano — católico, orientado pela boa-razão como norma do pedagogismo humanista e científico, sem sacrificar aos homens da Revolução Francesa e outros corifeus ilustrados anticristãos. Deste modo, afigura-se-me impossível ter passado despercebido à cultura brasileira da segunda metade do século XVIII, como o não foi até mesmo no México, no Equador e em Cuba(3). Não se tratando, porém, de idéias originais, mas adopção eclética das que pululavam nos meios intelectuais, que as divulgavam à saciedade, difícil se torna cortar para extremar limites ou zonas. A sorte de Vernei no Brasil coincide com a que alcançou em Portugal, não obstante as diferenças de nível ou extensão cultural que realmente existiam nesse tempo. Limitado pela reforma pombalina no campo da Gramática Latina a um compêndio; no da Filosofia ao emparceiramento com Genovesi que, a breve trecho, o suplantou de longe(4), a sua influência tem de seguir imiscuída e diluída na linha de força do panorama geral.

É certo que faltam estudos monográficos sobre a maior parte dos intelectuais brasileiros desta época. Assim Laerte Ramos de Carvalho, ao avaliar a Reforma Pombalina, nem sequer como introdução aflorou o problema Verneiano no Brasil, posto que saliente a diretiva de considerar a retórica como um dos pontos capitais da reforma dos estudos menores, tanto nas *Instruções para os Professores de Grammatica Latina, Grega, Hebraica e de Rhetorica*(5), como na *Defensa do Novo Methodo* e no *Verdadeiro Método de Estudar* (6). João Cruz Costa sublinha o aparecimento desta última obra, introduzindo seu autor na Congregação do Ora-

(3) Maria del Carmen Rovira — *Ecléticos Portugueses del Siglo XVIII y algunas de sus influencias en America*, México, 1958, p. 183 e ss.

(4) No Brasil, atuante ainda no Compêndio de Francisco Montalverne, como demonstrou Laerte Ramos de Carvalho. Ver João Cruz Costa — *Contribuição à História das idéias no Brasil*, Rio de Janeiro, 1956, pg. 85-86.

(5) Collecção de Leys, Decretos e Alvarás que comprehendem o feliz Reinado Del-Rey D. José, vol. 1, Anos de 1759-1765, Lisboa, 1771; T. T. — Ministério do Reino, Cód. 417, fl. 7 e ss.

(6) Ver Laerte Ramos de Carvalho — *As Reformas Pombalinas da Instrução Pública*, São Paulo, 1952, p. 111.

tório(!), a que nunca pertenceu(7), limitando-se, genericamente, aliás na pegada de escritores portugueses, a acentuar a influência Verneiana na Universidade de Coimbra, por onde passaram os homens “que irão viver o período em que a nossa independência se elaborará”(8). José Ferreira Carrato também se não abeirou diretamente da questão, se bem que a não ignore, dando como os demais especial relevo à Reforma Pombalina(9). V. Coelho Filho, ao biografar Alexandre Rodrigues Ferreira e pondo-se também “à cata de saber”, admite nele influência indireta no seio da Universidade coimbrã, bem como em toda “a colmeia brasileira”(10). À sua lista, para seguir nesta linha, há que ter em conta Fr. José de Santa Rita Durão e outros(11). Em Portugal, a situação em nada diverge.

E, contudo, creio bem que a influência de Luís Antonio Vernei no Brasil é real, posto que mais indireta do que por meio da sua própria obra, ainda assim, inegável. É real, porque entrou com o ensino dos Oratorianos, se não também de outras congregações Religiosas, e através da Reforma Pombalina. Pelo menos, o seu Iluminismo refluuiu, certamente, em terras brasileiras, por força do ensino secundário oficial, na medida em que as citadas *Instruções* recomendavam a Ortografia Latina “que compôs o nosso Luís Antonio Vernei” e toda a reforma deste grau de estudos dependia, mais que o Universitário, da proposta do “Barbadinho”.

Poder-se-á, pois, topar rastros concretos da sua influência nas escolas dos Religiosos ou nas Oficiais? Haverá, porventura, qualquer antigo aluno delas, que confesse ter sido instruído no rumo do plano do *Verdadeiro Método de Estudar*, ou algum intelectual em que se logre surpreender zonas da sua influência? Conseguir-se-á, enfim, descobrir nas Bibliotecas do Brasil exemplares desta e das outras suas obras, com registo de entrada na própria época, do tipo da que Eduardo Frieiro revela (existência do *De Re Logica*), na do Cônego Luís Vieira da Silva, “cuja carreira brilhante reflete bem as condições e os recursos do trabalho didático e cultural do primeiro Seminário de Mariana”(12), que voltaremos a encontrar mais adiante? Deste modo, apurar-se-ia influência direta que, afinal, para o nosso propósito, seria tão valiosa como a indireta...

2. Começando pela Congregação do Oratório, sobre que preparo neste momento uma obra individual, limitar-me-ei aqui a vincar a sua adesão, em Portugal, ao plano de estudos Verneiano, nas linhas essenciais. Como os Padres do Brasil viveram sempre muito ligados aos de Lisboa (conforme, aliás, as restantes Casas Portuguesas), não seria neste par-

(7) Ver Antonio Alberto de Andrade — *Vernei e a Cultura do Seu tempo*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1965.

(8) João Cruz Costa, O. C., p. 68.

(9) J. Ferreira Carvalho — *Igreja, Iluminismo e Escolas Mineiras Coloniais*, S. Paulo, s.d., p. 124 e 127, 146 e segs.

(10) V. Correia Filho — *Alexandre Rodrigues Ferreira*, S. Paulo, 1939, p. 13 e 17.

(11) Ver, p. ex., José Ferreira Carrato, O. C., p. 99 e segs. 115, 168 e 178.

(12) Id. — *ibidem*, p. 112 — Eduardo Frieiro — *O Diabo na livreria do Cônego*, Belo Horizonte, 1945.

ticular que se iriam bastar a si mesmos, desde Professores a obras didáticas. A dificuldade está em saber se, na América, exerceram o magistério, para além da faina missionária. Este é outro ponto que terá de ser visto com maior extensão do que aquela que, no Simpósio comemorativo do Bicentenário da restauração do Rio Grande (1776-1976), realizado no Rio de Janeiro, reclamei, para os Oratorianos, ao pedir lugar de relevo na História da Pedagogia do Brasil. Em todo o caso, adiante-se já que, na sua Biblioteca da Casa do Recife, cujo *Catálogo* (1770) divulgarei em breve, guardavam-se três compêndios didáticos: *Apparatus ad Philosophiam et Theologiam*, *De Re Logica* e *De Re Metaphysica*, e mais três da polémica: *Verdadeiro Método de Estudar*, *Reflexoens Apologeticas*, de Arsênio da Piedade, o jesuíta José de Araujo, e *Retrato de Mortecor*, de Alethophilo Candido de Lacerda, o inaciano Francisco Duarte(13).

Da ausência das respostas de Vernei não é lícito inferir que a curiosidade dos Oratorianos de Pernambuco (ou a dos Jesuitas, se a Biblioteca lhes pertencera) se restringisse às duas primeiras obras de censura da pedagogia do Barbadinho da Congregação de Itália. Embora esteja convencido de que nas suas aulas apenas circulassem os manuais da Casa de N. Sra. das Necessidades, que também figuram no *Catálogo*, pode concluir-se que os Oratorianos do Recife foram permeáveis à sua reforma, tal como os de Lisboa e das demais Casas.

De outros Institutos, pouco se sabe ainda. Reflexo indireto será lícito assinalar no Seminário fundado em 1748 por Frei Manuel da Cruz, em Mariana, onde vigoraram, a partir dos Estatutos de 18 de novembro de 1760 (art. 3), as normas da reforma dos estudos menores, de 1759(14). Um dos seus Professores de Filosofia, o Cônego Luís Vieira da Silva possuía efetivamente, para seu uso, o *De Re Logica* de Vernei, ao lado da *Summa* de S. Tomás de Aquino, da *Philosophia Peripatetica* de A. Mayer e de outras obras de Escolástica, que o Barbadinho detestava, por exemplo, Silvestre Aranha, Coutinho, Bréscia (ou Bríxia) e de obras de diverso cariz, como a *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert.

Mais concreta terá sido a influência de Vernei, através dos Professores oficiais, que não foram só enviados de Lisboa, através das *Instrucções para os Professores de Grammatica Latina, Grega, Hebraica e de Rhetorica*, remetidas para o Brasil na bagagem do irmão do Diretor-Geral dos Estudos que, nomeado em 28 de outubro de 1759, aí chegou em 9 de janeiro de 1760 — o conhecido D. Antonio de Almeida Soares Portugal, 1.º Marquês do Lavradio. Até 1769, ou pouco antes, Vernei era aceito

(13) O título dessa última está de tal forma abreviado que coloca os dois jesuítas em oposição. Ei-lo completo: *Retrato de Mortecor Que em romance quer dizer Noticia conjectural das principais qualidades do Author de uns papéis que aqui andão mas não correm, com o título de Verdadeiro Methodo de Estudar, e de numa carta escrita com boa intenção em resposta às Reflexoens do P. Fr. Arsebio da Piedade.*

(14) Carrato — O. C., p. 108.

pelo Conde Oeiras(15) e muito estimado dos Professores régios, José Caetano de Mesquita, Pedro José da Fonseca, Antonio Soares Barbosa, Manuel Alvares de Queiroz e Bento José de Sousa Farinha(16). O primeiro terá mesmo contribuído poderosamente para a orientação pedagógica do Diretor-Geral, D. Tomás de Almeida, perante o qual e na presença del-Rei e de Sebastião de Carvalho e Melo, na abertura das aulas no "Hospício da Cotovia" (Colégio dos Nobres), onde era Professor de Retórica, apoiou as normas que D. Tomás procurou por em prática, declarando "sans ambages": "os meus guias serão Genovesi, Vernei, Heinecio e modernos de igual gosto"(17). No âmbito da Retórica, floresciam a Lógica e a Moral.

Por tudo isto, os Professores que o Diretor-Geral enviou para o Brasil, com intuitos de instaurar o novo plano escolar, segundo o espírito das *Instrucçoens*, não podiam andar longe da pedagogia Verneiana, gizada no *Verdadeiro Método de Estudar*, apesar de se lhes tolher a liberdade de lecionarem pelos livros que desejassem, — de Vernei, apenas um, como vimos. Nem podiam ser dois, porque a *Gramatica Latina*, apesar de "tratada por um Methodo novo, claro e facil, para uso daquelas pessoas que querem aprendê-la brevemente e solidamente", ainda se perdia em demasiado número de laudas. O Arceidiago de Évora procurará convencer-se de que terá chegado ao Reino, depois de concluídas as *Instrucçoens*... Nem ela, nem o *Novo Methodo* do P. Antonio Pereira de Figueiredo seriam incluídos num sistema em que se preconizavam compêndios reduzidos. O do P. Figueiredo só foi adaptado quando o autor o limitou à expressão mais simples. Vernei, porém, não alterou o seu.

No entanto, as diretrizes básicas da sua reforma pedagógica vingaram, conforme sugerimos atrás, nas classes do ensino decretadas pelo Conde de Oeiras. Efetivamente, as *Instrucçoens* de 1759, que decerto não foram moldadas no *Verdadeiro Método de Estudar*, refletem, no entanto, com clareza, a nova motivação que originou todo o programa oficial, nesta fase da reforma das Escolas Menores. Que se pode extrair mais de um plano esquemático, normativo na dureza do preceito simplesmente imposto, sem margem para opinião do Mestre? O tom de animosidade pelo método dos Jesuitas ("... o escuro e fastidioso Método"), decerto não foi escolhido obrigatoriamente na obra de Vernei. Mas já pode derivar dela a crítica do "longo espaço de oito, nove e mais annos" de estudo, que deixavam aos alunos, "no fim delles, illaqueados nas miudezas da Grammatica como destituídos das verdadeiras noçoens das linguas latina e grega, para nellas fallarem e escreverem sem hum tão extraordinário desperdício de tempo, com a mesma facilidade e pureza que se tem feito familiares a

(15) Ver as relações de Vernei com Pombal, em *Vernei e a Cultura do seu Tempo*, cit., p. 306 e segs.

(16) Ver, do autor, *A Filosofia das Escolas Menores Officiais*, em *Broteria*, Vol. 45, fas. 1, julho de 1947, p. 29-30.

(17) J. Caetano de Mesquita — *Oração sobre a restauração dos Estudos das Bellas Letras em Portugal (...)* no dia 30 de setembro de 1759. Lisboa, 1760, p. 30.

todas as outras Naçoens da Europa". Esta e as acusações que seguem e agora omito, provêm, de certo, da polémica verneiana, em paralelo com a da Gramática Latina, iniciada quando surgiu na Congregação do Oratório o *Novo Método para se aprender a Grammatica Latina*, do F. Manoel Monteiro (1746).

Em vez dos "tão perniciosos e funestos effeitos" do método Alvarista, el-Rei proporcionaria "úteis e abundantes frutos" que dariam a felicidade aos povos. O método que se ia introduzir colocava-os ao nível das demais Nações civilizadas — "reduzido aos termos simples, claros e de maior facilidade que se pratica actualmente pelas Nações polidas da Europa". Quem eram, porém, os "homens mais doutos e instruidos neste genero de erudiçoens", a que Sua Majestade se conformava? Um deles, certamente, Luís Antonio Vernei, neste tempo aureolado entre a nova ordem que começava a alvorecer nas aulas de alguns Religiosos, sobretudo Oratorianos, Franciscanos e Teatinos, e mesmo particulares, desde Luís Baden. A reforma estendia-se a "todos os seus Dominios" — explicita el-Rei, tendo em mente, sobretudo o Brasil e o Oriente(18).

Neste Alvará, Vernei quase não será contemplado com as honras de autor escolhido para as aulas de latim, como vimos, proibindo-se a utilização de qualquer compêndio que não seja o *Novo Methodo da Grammatica Latina, reduzido a Compêndio para uso das Escolas da Congregação do Oratório*, composto por Antonio Pereira, da mesma Congregação, ou a *Arte da Grammatica Latina* reformada por Antonio Felix Mendes, Professor em Lisboa. E, contudo, ele também escalpelizou com vigor a agora abolida *Arte* de Manuel Alvares, como "aquella que contribuiu mais para fazer difficultozo o estudo da Latinidade nestes Reinos"; bem como os igualmente prohibidos comentadores Antonio Franco, João Nunes Freire, José Soares "e, em especial, de Madureira mais extenso e mais inútil, e de todos e cada um dos cartapacios".

Os Professores cingir-se-iam, "sem alteração alguma", às *Instrucçoens* que se estabeleceram "pela experiência dos homens mais versados nelles (estudos) que hoje conhece a Europa". E, quando se refere aos Metodistas e aos "maiores homens da Profissão", a respeito do melhor método de lecionar latim, silencia o nome de Vernei sem que esqueça os compêndios da Congregação do Oratório(19). Mesmo assim, a sua Gramática seria lembrada para uso dos Professores, ao lado da do P. Antonio Pereira, na carta que o Director-Geral escreveu em 2 de outubro de 1761 ao Desor. Bernardo Coelho da Gama Casco, seu Comissário em Pernambuco(20).

Em seu lugar, nas *Instrucçoens* avultava Francisco Sanchez, com a sua Minerva, "que na opinião dos maiores homens da Profissão excede a todos quantos escreveram até agora nesta matéria". Os Professores

(18) Introdução ao Alvará, em *Colecção de Leis*, cit. e Cód. 417 do T. T.

(19) *Instrucçoens*, fl. 7 segs. do Código 417 do T. T.

(20) T. T., Mss. da Liv., n.º 2596, fl. 61.

oficiais poderiam lê-la para si, e ainda a Gramática de Vóssie, Scropio, Port-Royal e “todas as mais deste merecimento”, sem com elas gravarem os discípulos... Ele e os Oratorianos, bem como os pedagogistas franceses Rolin (*Manière d'étudier*), Lami (*Entretiens sur les Sciences*), Walch (*Histoire Critique de la langue latine*), o Epítome latino do *Methodo de Port-Royal*, Fleuri e todos os “Methodistas”, de que ainda especifica a obra italiana *Instruções das Escolas de Turim*, estão na base dos seguintes princípios aqui exarados:

a) Impõe-se o estudo da língua latina por método breve, que “sirva de exercitar, em os que aprendem, hum vivo dezejo de passarem ás Sciencias maiores”. Também assentam os sábios que, além de breve, tem de ser “claro e facil, para não atormentar aos Estudantes com huma multidão de preceitos que, ainda em idades maiores, causão confuzão”.

b) “Todos os homens sabios uniformemente confessão que deve ser em vulgar o methodo para aprender os preceitos da Grammatica, pois não há maior absurdo que intentar aprender huma língua no mesmo idioma que se ignora”. E assim, “para que os Estudantes vão percebendo com mais facilidade os princípios da Gramatica Latina, he util que os Professores lhes vão dando huma noção da Portugueza, advertindo-lhes tudo aquillo em que tem alguma analogia com a Latina”.

c) Citando Rolin (cap. 3, p. 151) estatui a terceira regra: “Tanto que os Estudantes estiverem bem estabelecidos nestes rudimentos e que se tiverem familiarizado bem com elles, tendo-os repetido e tornado a repetir muitas vezes, devem os Professores applicallos a algum Author facil, claro e agradável, no qual, com vagar e brandura, lhes vão mostrando executados os preceitos que lhes tem ensinado, dando-lhes razão de tudo, fazendo-lhes applicar as regras todas que estudaram e acrescentando o que lhes parecer accomodado, ao passo que se forem adiantando”. Em vez de obras completas, utilizar-se-iam seletas com trechos escolhidos para os alunos. Mas os Professores “não se entenderão dezobrigados” de possuir os bons autores da Latinidade, nas melhores edições.

d) Como os Mestres deviam ter especial cuidado em que os alunos lessem “claro e distinctamente e com tom natural”, e dar-lhes “as melhores regras da Ortografia, adaptar-se-ia para esse efeito, a *Ortografia* que compoz o nosso Luís Antonio Vernei, breve e exacta”. Os Professores teriam para seu uso as obras de Celário, Dausquio, Aldo Manucio, Schurtzfleischio — “ou todos ou algum delles”.

Esta única vez que nas *Instrucções* aparece o nome do Arcediago de Évora explica a principal razão de não figurar entre os Gramáticos propriamente ditos que se escolheu: “breve e exacta”. Aliás, não se deve

estranhar tanto a ausência dos compêndios, como a do seu nome entre os Pedagogistas, a não ser que esta omissão denuncie a persuasão de não valer a pena utilizar um texto que, embora adaptado às necessidades do Reino, segundo Vernei se persuadiu, era por demais tributário de obras também lidas entre nós, aqui citadas e recomendadas nas *Instrucções*. Apesar disso, a influência do *Verdadeiro Método de Estudar* é bem nítida, embora me persuada de que não estivesse presente fisicamente na mesa de quem redigiu o texto da reforma. Mas a revisão que propusera, de tal modo entrara nas mentes e nos hábitos dos reformadores pombalinos que dele, explicitamente, já pouco mais se aproveitava que a vontade e certa orientação de substituir um método por outro. Presente esteve, sem dúvida, na redação das *Instrucções*, a prática das escolas dos Oratorianos, que representavam, alfim, o modelo da nova pedagogia, passado da teoria ao campo chão das realidades. Por isso, os seus compêndios são preferidos e os de Vernei, à exceção do *De Orthographia Latina*, nunca merecerão a honra de textos obrigatórios.

3. Deixando em aberto a averiguação, impossível de efetuar em Lisboa, da existência ou não, de obras de Vernei nas Bibliotecas brasileiras, com a certeza de entrada na época, abeiramo-nos dos intelectuais que, confessadamente ou não, possam refletir a sua influência. Um dentre todos merece relevo especial e com ele me quedarei, por ora: o Bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (8.9.1742 — 12.4.1821), geralmente apontado como figura máxima do Iluminismo no Brasil. Contava 30 anos quando resolveu passar ao estado eclesiástico e veio para a Universidade de Coimbra, estudar Direito Canônico, que terminou em 1775, tendo-se dedicado também ao estudo das ciências econômicas e políticas. Eleito Bispo de Pernambuco em 1794, foi nesse mesmo ano nomeado Governador interino da Capitania, Presidente da Junta da Fazenda e Diretor-Geral dos Estudos (21). Quatro anos mais tarde instituiu um Seminário para formação do Clero, no edifício do antigo Colégio dos Jesuítas, doado à Mitra de Pernambuco por Alvará régio de 22 de março, de 1796 (22).

Nos *Estatutos do Seminário Episcopal de N. Sra. da Graça, da cidade de Olinda de Pernambuco*, que mandou imprimir na Tipografia da Acade-

(21) Sobre este último cargo, ver *Informação dada ao Ministro d'Estado dos Negocios da Fazenda, D. Rodrigo de Sousa Coutinho*, Lisboa, 1808.

(22) A nova equipe de Professores, que foram seus Mestres, em Mário Costa — *Documentos para a História da Universidade de Coimbra (1750-1772)*, Vol. 2, Coimbra, 1961, pág. 295 e Manuel Lopes de Almeida — *Documentos da Reforma Pombalina*, Vol. 1 (1771-1782), Coimbra, 1937, p. 8 — Como já em Coimbra se terá interessado pelo estudo das ciências naturais, pode ter ouvido os Professores de Filosofia (Lógica, Matemática e Ética; História Natural e Química), Antônio Soares e Domingos Vandelli; ou, pelo menos, assistido à defesa de dissertações das do tipo das recenseadas no *Catálogo de Manuscritos* da Biblioteca da Universidade, Coimbra, 1935, Códices e Maços n.ºs 1312 e 1431, p. 157, 174 (Códices 1367 e 1368).

mia das Ciências de Lisboa (1798), sobressai vincada figura do intelectual, zeloso do progresso cultural dos Párocos rurais, para desse modo elevar a cultura social e tecnológica do camponês(23). A atitude, só por si, denuncia plenamente o Iluminista, moldado ainda na forja da Reforma Pombalina, sendo através dela que Vernei espreita, quase apagado. Para Azeredo Coutinho, “a observância literária, assentando sobre a Moral, é a que repõem o ómeme no estado, em que ele enxe perfeitamente toda a idea de ómeme: ela é a que desterra a ignorancia e introduz as luzes que são necessarias para descobrir os segredos mais occultos da Natureza e para saber adorar os misterios mais profundos da Divindade”. Posto o princípio, prenhe de Iluminismo, Coutinho assinala a diferença entre os conhecimentos humanos das ciências da sua época, por pouco que se tenham adiantado, e os antigos. Aqueles são “mais iluminados e mais regulados e fazem distinguir o ómeme na Sociedad”, tornando-se imprescindível o emprego de um *verdadeiro método* que regule os *estudos*, sem fatigar os entendimentos, com materias e questões inúteis. O método incidia, pois, antes de mais e principalmente na escolha das disciplinas em ordem à utilidade, de modo que “adiante os conhecimentos e ensine a procurar a verdade nas suas fontes”.

A seguir, entra a falar o Pedagogo ou melhor, o teórico que leu tratados de Pedagogia e escolheu o que se lhe afigurou mais apropriado ao fim almejado. Apesar de exigir que os candidatos soubessem ler e escrever, legisla sobre as primeiras letras, devendo salientar-se, além dos quesitos de “abeis na sua arte”, modelos de virtude, exigia ao Professor, a norma prescrita de “principiar pelas ideas mais simplicies que nos entrão pelos olhos e pelos ouvidos, para depois pasar ás mais sublimes e abstratas”. E assim, mesmo sem ter lido Descartes (se é que o não leu), tratou primeiro das regras da arte de ler, escrever e contar, e, depois, da Religião. Combatendo o preciosismo de cada qual utilizou um tipo de letra pessoal que os demais não entendam, propugna a tese de que a melhor se lê, e reduz os caracteres a dois — o *c* e o *i*, parecendo-lhe que depois de saberem formar estas letras com perfeição, “formarão sem dificuldade, todas as outras do alfabeto, as quaes não são mais do que uma combinação das sobreditas duas”. Deste modo se simplificaria o ensino.

A respeito da ortografia acosta-se a Vernei: “Deve ensinar-lhes a ortografia mais simples, isto é, escrever como se fala”, princípio também advogado pelo Arcebispo de Évora. Assim se facilitaria a aprendizagem a quem não soubesse latim, o que acontecia à maioria dos Portugueses. “Por cuja cauza, com justa razão, mandou o Senhor Rei D. José, na Lei de 28 de junho de 1759, para instrusão dos Professores de Gramatica, § 11, que se uzasse da que compos Luís Antonio Vernei, que é a mais

(23) Ver também o Discurso sobre o estado actual das Minas do Brasil, Lisboa, 1804, p. 10-13; 39-42 e 65.

simples, e a mais conforme ao que acabamos de dizer”. Mais conforme ao que acabava de afirmar e ao que praticava, suprimindo o h em *harmônica*, escrevendo *jeramente*, *múxica*, *lissão*, *profesor*, *rimica*, etc.. A eliminação, neste último vocábulo, de uma letra que hoje se pronuncia em Portugal e não se exprime no Brasil, faz suspeitar (se não se provar origem mais remota), que as normas ortográficas de Vernei tenham penetrado de tal forma nas escolas que levou à universalidade da pronúncia e escrita de hoje, neste particular. Se assim for, neste processo não deixa de caber boa parte de ação a Azeredo Coutinho(24).

No ensino da Gramática Latina preceitua três escalões: 1.^a classe, noção de Gramática Portuguesa, “para que, com mais facilidade, vão percebendo os princípios da Gramática Latina, advertindo-lhes tudo aquilo em que a Portuguesa tem alguma analogia com a latina e principalmente pelo que pertence às partes da oração, a saber, Nome, Verbo, Adverbios e particulas, com as suas diferenças, *tudo pelo modo mais breve*, fácil e acomodado às pequenas idades”. Depois, as declinações, conjugações, gêneros, pretéritos e sintaxe, por meio de alguma *Arte* moderna e recopiada. Não indica o *Resumo* de Pereira de Figueiredo e, muito menos, o de Vernei, que excede os propósitos do ensino rápido. Na segunda classe, o aluno traduziria já Sulpício Severo, César e Cícero “e, de nenhuma sorte, os Poetas”. Também aí, as lições seriam “pequenas e bem rejidas”. Na terceira classe vertia-se Salústio, Tito Lívio e Terêncio, competindo ao Professor advertir nestes autores, a fábula, a história, a beleza “e o mais que pertencer para a boa intelligencia da Latinidade”. Quando os alunos mostrassem ter adquirido “bastante lus da lingua latina”, nesta classe passariam então a conhecer os Poetas “de melhor nota, mas com muita sobriedade, tão somente para não ignorarem a versificação latina e poderem entender as belezas da arte” — então muito condicionada, como aliás se apalpa nos *Estatutos*, por regras formais que excediam, em importância, a beleza da arte em si. Desta forma, “todo o ensino da Gramática Latina se poderá concluir em três anos”.

A Retórica era ensinada com o auxílio de compêndio extraído de Quintiliano e Cícero. Depois de convenientemente exercitados nessa disciplina, ensinar-se-lhes-iam as regras da Poesia, pela *Arte Poética* de Horácio, obrigando os discípulos a elaborarem composições em versos não só latinos, mas também portugueses, “fazendo-lhes ver as belezas dos nosos Poetas, especialmente de Camões que, apesar dos seus defeitos (Vernei bem procurou pô-los em relevo), não deixou de ser um excelente Poeta. Estabelece que o Professor de Retórica seja também da História, devendo, a seguir, ensinar “os elementos da Istoria universal, por algum rézumo sucinto, claro e metodico”. Proíbia, porém, “discussões istoricas”, por

(24) Ainda não vi o problema tratado nem mesmo num dos mais recentes e bem elaborados estudos, como é o de Gladstone Chaves de Melo — *Origem, formação e aspectos da cultura brasileira*, Lisboa, 1974, p. 131 e segs.

“impropias da primeira idade”, entendendo que devia, antes, explicar os princípios gerais em que se funda a história. Especifica-os deste jeito: “Principais noções da Cronologia, das épocas e das suputações dos tempos, em comum; depois as da Jeografia, com um ordinário conhecimento da Esfera e dos Mapas, de sorte que os estudantes saibão as situações da terra nos seus lugares principaes, e posão buscar no mapa qualquer Província ou cidade famosa”. Por fim, lembra “os fatos (em Portugal, *facto*, como se sabe) mais célebres do Mundo civil nos seus diversos governos e imperios mais famosos, especialmente no de Portugal”.

Estas duas disciplinas de Retórica e de História preenchiam apenas um ano, porque havia necessidade de passar imediatamente à Filosofia. Nas porções em que a divide e define, nota-se bem a influência de Vernei, aliás admitida já como universal. Formam elas “um collegio de ciencias universais” — o que lhe dá ensejo para de novo afirmar os propósitos do Seminário, da escola de princípios elementares, próprios não só de um bom e verdadeiro Ministro da Igreja, mas também de um bom cidadão e de um indagador da Natureza. “que adora o Creador nas suas obras e as faz servir ao bem dos ómens”. Para tal fim, reduziu o estudo da Filosofia a duas partes: Lógica, Metafísica, Ética e Física Experimental; e História Natural e Química. Ao Professor recomenda que use um compêndio moderno e explique “com clareza, somente as questões uteis que pertencem aos conhecimentos humanos: Juizos, Discursos, Crítica, Ermeneutica, Ontolojia, Psicologia, Teolojia Natural, regras e principios das asões moraes, virtudes e officios dos ómens, sem difuzões nem perplexidades que embarasam o progresso dos estudos”. Explicaria “que coiza seja metodo”, “como se descobre a verdade pelo metodo analitico, como se ensina e convence pelo metodo sintetico e que coiza seja metodo socratico.” Depois lecionaria um dos ramos da Filosofia Natural ou Física Experimental — só o que respeita à Mecânica e Hidrostática, “e os principios necesarios para a intelligencia das maquinas e das suas forsas, cujo conhecimento é muito necesario para fazer mover e levantar grandes corpos e conduzir as aguas em um país, cujo fundo principal consiste na Agricultura e no trabalho de lavrar as terras, cavar e extrair os mineraes, etc.”.

Convicto no ideário dos fisiocratas, nada descursa que fomente o melhor aproveitamento agrícola, se bem que, perante a realidade das minas de ouro, não despreza a indústria. É de sua autoria, como se sabe, o *Discurso sobre o estado actual das Minas do Brazil* (Lisboa, 1804), para não falar do *Ensaio Economico sobre o Commercio de Portugal e suas Colonias* (Lisboa, 1794; 2.^a ed., 1816; 3.^a ed., 1828; 4.^a ed., São Paulo, 1966) e outros.

O estudo podia prosseguir, sobretudo para completar os pontos esboçados e estabelecer o confronto minucioso entre os seus propósitos pedagógicos e os de Vernei, já que o decalque nas *Instrucçoens* aparece mais direto. Deixo a tarefa a outro estudioso, que agora mais facilmente trilhará o caminho. O mesmo se diga a respeito de todo o tema abordado,

porque tenho consciência da necessidade de continuar as pesquisas, em Bibliotecas e Arquivos e no estudo da mentalidade iluminista dos brasileiros de Setecentos(25).

(25) Para esse objetivo, proporciona-nos o Professor colaborador da USP, catedrático da Universidade de Lisboa, Doutor Francisco da Gama Caeiro, as seguintes achegas, que não consegui confirmar, antes de mais, por não ter encontrado em Lisboa as obras indicadas, que aquele prezado amigo me autoriza a divulgar: O Cônego Antonio Joaquim das Mercês publicou na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia*, n.º 58, p. 81-92, importante documento — Uma carta de 12.8.1861 — para a história do ensino da Filosofia na Bahia, interessando ao nosso tema, o fato de aí se ensinar a *Física* de Vernei, de 1804 em diante. — Antonio Gomez Robledo, *La Filosofia en el Brasil*, México, 1946, p. 12, informa que nas Bibliotecas de Ouro Preto figuravam Vernei e os enciclopedistas. Por fim, o caso de José Durão, frade Agostinho e professor na Universidade de Coimbra, adversário do silogismo e paladino dos "recentiores" na oração *Pro (...) studiorum instauratione Oratione*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1778. Mariana Amélia Machado Santos (*Os filósofos "recentiores" do Século XVIII em Portugal*, Coimbra, 1946, p. 16, refere-se à influência de Vernei, mas o assunto tem de ser melhor estudado por não parecer isso evidente, à primeira vista, muito pelo contrário.